

**Trecho da entrevista** concedida para o livro **Indústria Mecânica do Estado de Minas Gerais –Memória Histórica**. Belo Horizonte, SINDIMEC-FIEMG, 2007. Pereira, Lígia Maria & Faria, Maria Auxiliadora de.

**CLÁUDIO ARNALDO LAMBERTUCCI**, filho de Veraldo Lambertucci, fundador da Retífica Lambertucci em Belo Horizonte, em 1949.

Iniciamos no ramo de retífica e da mecânica. Depois, ficamos somente no setor de retífica. A retífica era um mercado novo, onde a tecnologia deu um salto na questão de motores. A Lambertucci acompanhou tudo de perto e evoluiu junto. Adquirimos, portanto, uma grande credibilidade no mercado nacional e nos tornamos uma referência em retífica de motores. Abrimos unidades no interior: Montes Claros, Divinópolis e no Vale do Aço. A Empresa foi fundada em 1949 por meu pai, Veraldo Lambertucci. Depois, vieram os filhos: Roberto, Luciano, Wilson, Edmundo, Wander, Cláudio, Marcílio e Heitor. Na medida em que a empresa crescia, agregava mais pessoas da família. É uma empresa tipicamente familiar.

A história da Retífica Lambertucci se mistura à história da cidade. Instalou-se, inicialmente, na avenida Augusto de Lima 1264, no bairro do Barro Preto, quase defronte ao antigo Cine Democrata. Meus pais são filhos de italianos, da família Lambertucci, e, da parte da minha mãe, da família Nemim. Meus avós vieram da Itália direto para Minas Gerais, na época da construção da nova Capital. Meu avô começou no ramo de olaria, na região dos “Pinto”, atual bairro Gutierrez. Ele fornecia grande quantidade de produtos para a Prefeitura. Chegou a ter 62 famílias trabalhando para ele porque, naquela época, o usual era contratar famílias. Meu avô materno era um artista. Fazia peças de ferro e outros adornos. Muitas igrejas de Belo Horizonte têm obras dele, mas, naquele tempo, os artistas não assinavam suas obras. Eram contratados como operários comuns.

Quando meu pai montou a mecânica e a retífica de automóveis, tinha muita dificuldade para conseguir trabalhadores qualificados. O próprio Senai ainda não tinha cursos nessas áreas, porque era um setor muito novo e o País sequer tinha instalado sua indústria automobilística. Mas a Lambertucci contratava rapazes formados pelo Senai que já tinham uma iniciação importante, e os treinava na própria empresa.

Em 1955, viemos para o bairro Prado, neste mesmo local em que estamos instalados. Meu avô foi o proprietário de toda esta região, onde, aliás, tinha a maior concentração de italianos da cidade. Meu pai morava neste endereço e meu avô na rua Erê. Na época da construção da cidade, o Governo dispunha de pouco dinheiro para pagar os serviços de edificação da cidade. Meu avô, por exemplo, recebia parte em dinheiro e parte em terrenos, por isso tornou-se proprietário de grande parte dessa região do Prado. Ele teve que montar uma pequena imobiliária para lotear e vender esses terrenos, participar de feiras e congressos internacionais, o que é muito importante em termos de intercâmbio. E, somente depois de participar de um sindicato, de uma federação, é que esses horizontes se abrem. Os europeus e os americanos são muito ligados às associações.